

Marcas da banalização do insólito na narrativa curta de Mário de Carvalho: *Casos do Beco das Sardinheiras* como paradigma de um novo gênero literário

Flavio García (UERJ)¹

Resumo: *Casos do Beco das Sardinheiras* apresenta-se como paradigma de um outro e novo gênero literário, o *Insólito Banalizado*. A marca distintiva desse gênero seria a presença de eventos insólitos percebidos como tais e questionados pelos seres de papel – e, por extensão, pelos leitores reais – mas, nem aceitos como “maravilha” própria ao universo vivenciável das personagens, nem explicados como sobrenaturais ou estranhos, nem encurralados entre explicações conflitantes de cunho racional mas ilógico ou lógico porém irracional, nem aceitos como uma possibilidade de ver o mundo amalgamando o racional e o “mágico”, nem denunciados como absurdos frente à realidade conhecida. Os eventos insólitos acabam “banalizados” ou por uma apropriação utilitária que deles se faz ou por um abandono em função de sua não serventia para as personagens.

Palavras-chave: Mário de Carvalho; Narrativa Portuguesa Contemporânea; Estudos da Narrativa; Gêneros Literários; Insólito.

Conforme Houaiss (2001), gênero vem do latim *gênus*, *èris*, derivado do grego *génos*, *eos*, significando nascimento, descendência, origem; raça, tronco; descendente, rebento, filho. Em português, significa: a) o conceito geral que engloba todas as propriedades comuns que caracterizam um dado grupo ou classe de seres ou de objetos; b) o conjunto de seres ou objetos que possuem a mesma origem ou que se acham ligados pela similitude de uma ou mais particularidades; c) a divisão e a classificação dos discursos segundo os fins que se têm em vista e os meios empregados; d) em teoria literária, cada uma das divisões que englobam obras literárias de características similares.

Pode-se, portanto, entender que um determinado grupo de narrativas ficcionais, que têm em comum a presença de eventos insólitos, constitua um gênero. Ainda, que um conjunto de narrativas ficcionais, em que os eventos insólitos sejam não ocasionais e funcionem como seu móvel, constitua um gênero. Mais ainda, que esse conjunto de narrativas, tendo em comum a banalização do evento insólito pelos seres de papel, narrador e personagens, constitua um gênero. Assim, se for verificável certo número de narrativas ficcionais em que tal estratégia se dê, pode-se dizer que elas constituem um gênero literário específico e próprio.

Como observa Manuel António de Castro,

a caracterização das obras de arte dentro do horizonte dos *gêneros* propostos pelo mesmo Aristóteles é tão somente uma possibilidade, e jamais pode se tornar *paradigma*, pois o que ele diz resulta do seu modo de *dizer, manifestar, conceituar* o “on”. Querer caracterizar os *gêneros literários enquanto obras de arte nas diferentes épocas, atentando só para as formas*, é um contra-senso. (CASTRO, 2007)

Entendo-se, então, que um gênero literário possa ser delimitado e definido conceitualmente a partir de variadas categorias que o componham, e aceitando a premissa de que há um conjunto de narrativas que se marcam distintivamente pela presença de eventos insólitos não ocasionais, servindo-lhes de móvel, e que sua estratégia discursiva privilegia a banalização desses eventos pelos seres de papel, pode-se afirmar a existência de uma outra e nova categoria de gênero literário.

Ainda conforme Houaiss (2001), o termo “insólito” vem do latim *insolitus*, *-a*, *-um*, significando o não acostumado, o estranho, o alheio, e em português significa, por exemplo, o que: a) não é habitual; infrequente, raro, incomum, anormal; b) se opõe aos usos e costumes; é contrário às regras, à tradição. Seu antônimo, “sólito”, vem do latim *solitus*, *-a*, *-um*, significando habituado, acostumado, e em português significa, por exemplo, o que: a) se acostumou, adquiriu o hábito;

¹ Universidade do Estado do Rio de Janeiro; Departamento de Língua Portuguesa, Literatura Portuguesa e Filologia Românica; Setor Acadêmico de Literatura Portuguesa.
flavgarc@uol.com.br; flavgarc@oi.com.br; flavgarc@uerj.br

habitado, acostumado; b) costuma acontecer com frequência, não é raro; costumeiro, habitual, usual. Assim, os eventos insólitos seriam aqueles que não são frequentes de acontecer, são raros, pouco costumeiros, inabituais, não usuais, incomuns, raros, anormais, que contrariam o uso, os costumes, as regras e as tradições, enfim, que surpreendem ou decepcionam o senso comum, às expectativas quotidianas.

É lícito opor o insólito ao natural e ao ordinário, termos comuns na teoria dos gêneros literários quando se quer falar de Maravilhoso, Fantástico, Estranho, Sobrenatural, Realismo Maravilhoso, Absurdo, gêneros que já habitam a tradição crítico-teórica. Ainda conforme Houaiss (2001), “natural” vem do latim *naturalis*, significando o que é feito ou dado pela natureza, e em português significa o que: a) decorre normalmente da ordem regular das coisas; b) é característico, próprio do instinto; instintivo; c) é essencial ou próprio; peculiar; d) pode ser presumido; provável. E “ordinário”, que também vem do latim *ordinarius*, -a, -um, significando o que é posto por ordem, disposto em ordem, o que está conforme a regra, o uso; ordinário, significa em português: a) conforme ao costume, à ordem normal; que não apresenta condição particular; comum, habitual, useiro; b) aquilo que é ordinário, comum, habitual, frequente. Se o insólito não decorre normalmente da ordem regular das coisas, senão que é aquilo que não é característico ou próprio de acontecer, bem como não é peculiar nem presumível nem provável, pode ser equiparado ao sobrenatural e ao extraordinário, ou seja, seguindo-se o próprio Houaiss (2001), àquilo que foge do usual ou do previsto, que é fora do comum, não é regular, é raro, excepcional, estranho, esquisito, inacreditável, inabitual, imprevisto, maravilhoso.

O mesmo Houaiss (2001) informa que banalizar deriva de *banal* + -izar, vindo do francês *banaliser* (séc. XIX); que significa tornar banal, comum; vulgarizar, trivializar. O Insólito Banalizado seria um gênero literário constituído por um conjunto de narrativas curtas, marcadas pela presença de eventos insólitos não ocasionais, que funcionam como móveis da narração, narrativas estas que têm como estratégia discursiva principal a banalização do insólito pelos seres de papel. *Casos do Beco das Sardinheiras*, do escritor português Mário de Carvalho (1991) pode servir de paradigma para a exemplificação desse outro e novo gênero literário. Todas as suas onze narrativas têm eventos insólitos não ocasionais como seus móveis e apresentam marcas da banalização do insólito por parte do narrador e das personagens.

Em “O tombo da Lua” (CARVALHO, 1991, p. 17-20), primeiro caso do Beco, o evento insólito é Andrade da Mula engolir a Lua. E a maneira como as personagens reagem frente ao evento determina sua banalização. Um estudo desta narrativa sob esta perspectiva crítico-teórica já foi apresentado em “Impasses de gênero nas literaturas da lusofonia: *Casos do beco das sardinheiras*, de Mário de Carvalho, um exemplo” (GARCÍA, 2005).

Em “O gato gatão” (CARVALHO, 1991, p. 21-25), segundo caso do Beco, o evento insólito é a gata Tareca ter uma única cria de tamanho desproporcional – “Grande que ela é. Vale pelos seis ou sete que é o costume das gatas...” (p. 21) – e que comia e crescia muito além do normal. Manuel da Ribalda, o chefe da família, não se conteve e alertou a mulher: “Olha cá (...), não te parece que este gato é assim a modos que escanifobético?” (p. 22), mas ela acaba banalizando o insólito: “Lá ser é (...) Mas todos os gatos são esquisitos. Só que este come de mais e depois dá em taludo...” (p. 22) Como o bicho estava “magrito para o tamanho e precisa[va] de mais alimento” (p. 23), deixaram-no dormir fora de casa. “E nessa noite, Gigas, a pantera de Alfama, teve sua primeira alforria.” (p. 23) Na manhã seguinte, o jornal noticiava,

um polícia esfaqueado, a noite passada, quando fazia guarda à esquadra do Limoeiro. (...) Decorridos dois dias, uma outra notícia, dessa vez de uma esquadra mais distante, às Amoreiras: tinha sido encontrado o corpo de um polícia meio devorado num vão de escada. E na outra semana a mesma coisa: outro polícia, duma esquadra de Benfica. (p. 23)

Como houvesse “quem de Alfama se queixasse de um grande vulto a passar à noite, com rugidos medonhos” (p. 23) e a notícia chegasse ao cais, “Manuel da Ribalda arribou um dia a casa de sobrolho franzido” (p. 23) e declarou sua desconfiança de que o gato ainda lhe fosse trazer desgosto.

A família discutiu seu apego ao animal – “Ai, tadinho” (p. 24) – pesaram-se os prós e os contra, e Manuel da Ribalda, mais uma vez banalizando, sentenciou: “– Ná! (...), assim não tem jeito. Apesar de tudo, caramba, os polícias fazem falta. E depois... dá má nota ao Beco” (p. 24). Livraram-se de Gigas, mandando-o para a Espanha, ainda preocupados em que não se adaptasse ao clima da nova terra e “pesando alguma tristeza naquela casa pela ausência” (p. 25). Como anota o narrador, “daí a dias, vinha no jornal, com algum relevo, a notícia de dois soldados da *Guardia Civil* estranhamente devorados ao pé de Toledo” (p. 25). Diante da notícia, Manuel da Ribalda se manifestou dizendo: “Olha, afinal o nosso Gigas adaptou-se (...), não há-de ser nada” (p. 25).

Nessa narrativa, o evento insólito se desdobra, desde o inabitual nascimento de uma única cria da gata, passando pelo produto da cria até chegar às suas ações. E todos os eventos insólitos acabam banalizados igualmente pelo narrador e pelas personagens.

Em “Aquela corda” (CARVALHO, 1991, p. 27-31), terceiro caso do Beco, o evento insólito “é que do céu, balouçando muito subtilmente, pendia uma corda que seguia na vertical até perder de vista. (...) A ponta da corda, muito esfiapada, oscilava, eqüidistante dos beirais: uns metros, ao que parecia, acima dos telhados do Beco.” (p. 28-29) Inicialmente, vêm as explicações mais desbaratadas: “é o cabo dalgum balão” (p. 29), disse o Zeca da Carris; “ou a arreata dalgum burro”, observou logo alguém.” (p. 29). O evento agitou o Beco, e “já se viam alguns moços pelos telhados, lampeiríssimos, num estralejar de telhas partidas e deslocadas” (p. 29), tentando agarrar a corda.

Numa alusão, que pode ser remetida ao caso do engolimento da Lua por Andrade da Mula, Zeca da Carris comenta que “desde que andaram para aí a mexer nos astros só acontece é disto.” (p. 29) O sapateiro pergunta se alguém sabe se esta “era a corda com que estava presa a Lua quando o Andrade a engoliu? Depois, soltou-se, descaiu, e ficou para ali a penduricar.” (p. 30). Aqueles que subiram no telhado, “tinham desistido de chegar à corda e já se entretinham com outras brincadeiras, com grande prejuízo para as telhas e algerozes.” (p. 30) Virgolino, “que não perdia a oportunidade de se considerar proprietário e possuidor daquele fenômeno” (p. 30), pediu licença, dizendo que ia lá, e “todos pensaram que ele ia tentar agarrar a corda” (p. 30), mas foi apenas espantar os moleques. Zeca da Carris propõe: “montam-se uns paus no telhado, arma-se uma forca com um arame, amarra-se um cabo àquilo, atrela-se à carrinha da padaria e depois reboca-se a ver o que dá.” (p. 30) Mas Zé Metade se interpõe dizendo “nem pensar em tal semelhante, que depois vem por aí a água toda de escantilhão. (...) É como nos autoclismos. Puxa-se e vem a água. Se calhar foi assim que começou o dilúvio lá nas escrituras.” (p. 31)

Diante da alusão às escrituras, alguém sugere chamar o padre, mas a idéia é logo refutada: “o padre vem é complicar tudo (...). Só vem empatar.” (p. 31) E o relojoeiro sentença: “– É pá! Mas para que é que a gente está praqui a ralar-se? Aquela corda faz mal a alguém, faz? Quase nem dá sombra! O melhor é deixá-la ficar e quem lá a pôs que a tire.” (p. 31) O evento é banalizado e “depois de cada qual deitar um último olhar à corda, foi cada um à suas vidas.” (p. 31)

Em “A pedra preta” (CARVALHO, 1991, p. 33-38), quarto caso do Beco, o evento insólito é uma “pedra redonda, muito preta e brilhante, do tamanho de um punho fechado” (p. 33), que os homens da Companhia encontram durante escavação no calçamento do Beco, mas que nenhum deles consegue tirar do lugar, a não ser o miúdo Pedrinho, que a pega facilmente com apenas uma das mãos.

Os homens já haviam cavado “uma grande vala barrenta, cruzada de canos vários e alcatrões, da altura dos ombros de um homem pequeno” (p. 33) quando a pá deu com a pedra, “que sobressaía do fundo.” (p. 33) Parecia estar “engastada”, e “vá de escavar-lhe por baixo, para se certificar de que ela estava solta, e todo o esférico da pedra se revelou, liberto da areia, às passagens da pá. O homem deitou-lhe a mão, mas não conseguia movê-la nem nada porque parecia que a pedra ali esta pregada.” (p. 34) Assim, “outras mãos vieram esgravatar em volta e tentar libertar a pedra. Nada.” (p. 34)

Virgolino sugeriu: “por que é que vocês não experimentam fazê-la rolar? Cavam-lhe debaixo, aplainam-lhe uma rampa e é deixá-la rolar aí pela rocha...” (p. 34) Os homens “rasparam-lhe a terra de debaixo e a pedra deslocou-se um pouco. (...) Mas logo o homem da pá deu um grande berro.

Rolando, lenta, por um soccalco, a pedra tinha-se-lhe vindo instalar sobre a biqueira da bota e ele sentia agora o pé preso, bem enterrado na lama.” (p. 34) “O homem fazia movimentos descoordenados para safar o pé. Os outros bem quiseram ajudar, puxando-lhe pela perna, mas aquilo era como se tivesse a Sé de Lisboa plantada em cima da biqueira.” (p. 34) E nada. “Com o apoio dos circunstantes, o homem tirou, com algum esforço, o pé de dentro da bota e saiu da vala, a pé-coxinho.” (p. 35)

Numa nítida banalização do evento insólito, a discussão se desloca da pedra, que não se movia, para a bota, que ficara presa: “Quem é que me paga a bota? – interrogava-se o homem. (...) aquilo é uma bota da tropa, a melhor bota do mundo. Onde é que eu arranjo agora uma bota como aquela?” (p. 35)

“Mas já dois moços vinham da serralharia com um pé-de-cabra e saltavam para dentro da vala. Aplicada a alavanca, eram os moços a fazer força, fincados no ferro, com muitos suspiros e trejeitos” (p. 35), e nada. Chico Estivador pulou para dentro da vala, afastou os moços, “que isto é pra gente de barba rija!” (p. 35) e “cuspinhou nas mãos, afeioou o pé-de-cabra à pedra e com um rugido aplicou a força bruta ao instrumento. A pedra nem se mexeu”. (p.35-36) “Zeca da Carris tinha ido pedir a furgoneta da padaria” (p. 36), pegou um cabo que ataram à furgoneta e à pedra, e o ajudante da padaria “sentou (...) ao volante, engatou a primeira e o carro patinou na calçada, com um rugido estridente, fumaça a sair debaixo das rodas. O cabo esticou, fez-se tenso e vibrante, mas a pedra nem se moveu. (...) partiu-se o cabo.” (p. 36)

Em meio à multidão que se reunia em torno da vala, discutindo quem descobrira a pedra, “os miúdos que tinham saído da escola a correr, numa grande algazarra, misturavam-se aos adultos.” (p. 37) Inesperadamente, “saltou lá para dentro um gaiato de calções” (p. 37) Pedrinho “sentia-se alvo das atenções” (p. 37) em lugar da pedra, “dentro do buraco, a fazer caretas, a dar pulos na lama.” (p. 37) Surpreendidos, “todos os que riam ficaram de repente muito sérios, de boca aberta.” (p. 37) O evento insólito ganhava novos contornos. Pedrinho “dançava agora com a bota numa mão e a pedra preta na outra.” (p. 37) Preocupado, Zeca da Carris pede ao miúdo, “muito baixo, muito de mansinho” (p. 37), que bote a pedra ali na calçada, “mas com cuidado.” (p. 37) Pedrinho, “muito obediente, receoso de ter feito alguma, (...) pousou a pedra no passeio, devagar. Logo a calçada se afundou para baixo de um palmo e se britou com um grande estalo o paralelepípedo de granito em que estava colocada a pedra.” (p. 37)

Em nova atitude de banalização, a atenção do homem da Companhia não se detém na pedra: “Num gesto rápido, (...) sacava a bota do buraco e exibia-a em volta: – Já cá canta! Ta um bocado amachucada na biqueira mas está boa” (p. 37). Ninguém lhe presta atenção. “Todos se afastaram de repente, num impulso de pânico, quando o puto Pedro, já cá em cima, agarrou de novo a pedra e a volteou na palma da mão.” (p. 37-38) Atônitos, Zeca da Carris oferece a solução para o fenómeno:

aproximou-se então do Pedro e disse, pondo-lhe a mão no ombro, com o olho na pedra:

– Olha, Pedrinho meu rico, tu agora vais fazer um favor à gente, tá bem? Vais devagarinho, sem a deixar cair, pousá-la ali naquele canto da vala, por debaixo do cano, faz assim que eu depois dou-te uma pastilha.” (p. 38)

E “Pedrinho condescendeu, não sem ter provocado antes alguns sobressaltos ao atirar a pedra ao ar por várias vezes (...). Houve um suspiro colectivo de alívio quando a pedra foi pousada e o Pedro saiu da vala.” (p. 38)

O caso se encerra banalizando o evento insólito, com “o chefe das obras batendo as palmas. – Todos ao trabalho que o problema já está resolvido.” (p. 38) A solução dada foi a pedra preta ser colocada de novo no lugar em que a haviam encontrado. Mas, ainda assim, o homem perguntou aos do Beco: “vocês não querem avisar esses gajos lá das universidades, dos institutos, ou lá o que é?” (p. 38). E Virgolino prontamente respondeu: “– Pra quê? (...), isso só dá é chatices ou julga que vem dali algum?” (p. 38) E todos se foram, os do Beco e os da Companhia, sem questionar o evento nem lhe propor explicações. O insólito acaba banalizado.

Em “A torneira” (CARVALHO, 1991, p. 39-44), quinto caso do Beco, o evento insólito é o surgimento de um fio d’água, caindo do céu, como se viesse de uma torneira aberta. Tudo porque os

miúdos entraram na casa proibida da gateira, ao fundo do Beco, e, lá encontraram “a um canto um maquinismo todo encoberto pelo pó” (p. 41), de que sobressaía uma alavanca e uma roda de ferro. O miúdo Pedro deu “voltas e voltas” (p. 41) ao que comparou a um “volante dum autocarro.” (p. 41) E água pôs-se a cair do céu.

Quando a água começou a cair, uma mulher julgou que fosse chuva e deu de recolher a roupa da corda, mas “não terminou a recolha e ficou-se pasmada (...). É que o fio de água tinha engrossado até cerca de um palmo de diâmetro e caía agora sempre no mesmo ponto com fragor.” (p. 42) A força da água “já havia deslocado pedras da calçada e espalhava em volta um tumultuoso derrame líquido que já seguia em regueiras rápidas pelo Beco afora.” (p. 42) As mulheres, à janela, constataavam que “aquilo era uma coluna de água tombada directamente dos céus, como se o líquido viesse caindo por um ralo estreito aberto lá em cima.” (p. 42)

Zé Metade alude ao caso do engolimento da Lua: “– Isto desde que o Andrade engoliu a Lua só temos é destas...” (p. 42) E Andrade logo se defende: “– Vamos lá a calari, ó pistarim. Que é que a Lua tem a ver com isto, hã? Faz falta a Lua para chover?” (p. 42) Mas Zé Metade não se contém: “– Deixaste lá ficar o buraco da Lua, foi o que foi, e agora derrama-se a água toda por ele abaixo. Devias era ser obrigado a ir lá acima tapar outra vez.” (p. 42-43) Dessa maneira, os dois eventos insólitos – o engolimento da Lua e a queda da água – são banalizados num mesmo e único diálogo.

Todos questionam o grosso fio d’água que cai inexplicavelmente: “– Que raio de chuva mais escanifobética – disse a Miquelina.” (p. 43) Mas logo alguém banaliza: “– O que vale é que é só naquele sítio, ali a meio do Beco. Se desse com aquela força por toda a cidade... Olhem, era pio que o tremor de terra ou sei lá...” (p. 43) Como ninguém encontrasse explicação nem propusesse solução, Pedro, que “estava junto ao pai com seus grandes olhos azuis num espanto. De repente teve um sobressalto, como se se lembrasse de qualquer coisa, e puxou pela aba do casaco do Armando” (p. 43), perguntando: “– Pai, posso ir ali à porta da gateira?” (p. 43) E o pai não permitiu. “Mas o miúdo não ficou muito tempo a hesitar. Rompeu a correr, furou pelo grupo fora, entrou de roldão pela porta da gateira, foi-se à roda e toca de fazê-la girar no sentido inverso.” (p. 44). Antes que o pai o tirasse dali, Pedro já tinha devolvido a roda à posição em que a encontrara. “Então, cá fora, a coluna de água foi-se tornando mais delgada, ziguezagueou um tanto, borbulhou, seccionou-se em gotas longas e afiadas, deu lugar a uns pingos curtos e grossos, cada vez mais espaçados e desapareceu. Todo o céu retomou o azul limpo de antes.” (p. 44)

Ninguém ficou sabendo o que ocorrera, Pedro foi poupado da surra pelo pai, e todos, de “um grande risco” (p. 44). “É que, se em vez de fazerem girar a roda, os gaiatos tivessem deslocado a alavanca perra que havia na casa da gateira, teriam alterado o eixo de rotação da Terra, com as consequências um tanto bruscas que se podem adivinhar.” (p. 44)

O evento insólito acaba banalizado, sem que se lhe questionem causas ou natureza, sendo-lhe acrescentando, ao final, um novo elemento insólito possível.

Em “O lugar do gelo” (CARVALHO, 1991, p. 45-51), sexto caso do Beco, o evento insólito é o fato de uma máquina de costura produzir, estranhamente, em torno de si, uma área de fio intenso, a ponto de congelar tudo que dela se aproxime.

Uma noite, “Marina Moita”, a jovem mulher do Zeca da Carris, acordou sobressaltada (...), com um berro na casa. Era o marido que andava lá para dentro e que lhe dera para gritar, como se tivesse visto uma aventesma.” (p. 45) Mas não era nada disso. Zeca tinha-se queimado “na puta da máquina de costura.” (p. 45) Como não sentisse cheiro de queimado, a mulher decidiu verificar a máquina, “aparelho de segunda mão, em muito bom estado, entregue na véspera” (p. 46) E qual a surpresa, “a um palmo da máquina, (...) retirou a mão, num sobressalto” (p. 46). Fazia muito frio, “e todos repararam que, à luz eléctrica, a máquina rebrilhava como se coberta de pequenos flocos brancos, luzentes.” (p. 46) A casa encheu: os pais de Zeca e os “vizinhos, a saber se havia azar...” (p. 47) E “todos foram experimentar, dedo aqui, mão acolá, pé por baixo, queixo por cima.” (p. 47)

Muitas experiências foram feitas. Um vizinho “cuspiniu com força para a máquina de costura. O cuspo descreveu um arco rápido, mas ao chegar à zona do frio estalou no ar e desfez-se em pequenos grãos de saraiva que embalaram com estrondo contra a máquina.” (p. 48) Zeca pediu

um jarro d'água à mulher, “atou-lhe uma guita à asa” (p. 48) subiu numa cadeira e aproximou o jarro da máquina, “muito de mansinho, até que o jarro entrou na zona crítica.” (p. 48-49) E “rachou-se o jarro, por todo o lado.” (p. 49) Depois de encher-se de casacos, cobertores, cachecóis e luvas, Zeca empurrou a máquina, mudando-a de lugar na sala. Mas o frio seguiu a máquina: “em volta da máquina é que faz frio.” (p. 50) E Zeca voltou com a máquina para o lugar anterior.

Findos os experimentos, foi ligado um aquecedor e “Zeca despiu-se, devagar, daquelas roupagens todas, e, por fim” (p. 50) deu o “espetáculo” por encerrado e mandou que todos saíssem, que amanhã era dia de trabalho. “Todos foram saindo, resmungando, contrariados.” (p. 50) Sozinho com a mulher, anunciou que “pensava em procurar o vendedor da máquina de costura e pedir-lhe contas.” (p. 50) Mas ela o dissuadiu, banalizando o evento e dando-lhe uma utilidade: “Então não vês que isto nos dispensa de comprar um frigorífico? É o melhor congelador que há, homem... Até podemos alugar espaço à vizinhança para guardarem as coisas deles.” (p. 50)

O narrador conclui dizendo que “não era mal pensado e assim se fez, porque comprometer a utilidade com a estranheza é ainda mais parvo que confundir género humano com Manuel Germano.” (p. 51), coroando a banalização do evento insólito.

Em “A algaravia” (CARVALHO, 1991, p. 53-58), sétimo caso do Beco, o evento insólito é o fato de Quim Ambrósio, depois de levar uma pancada com uma telha que lhe cai ocasionalmente na cabeça, passar a falar uma língua estranha e não compreendida pelos do Beco, e quando, tentando reverter o quadro, jogam-lhe outra telha na cabeça, passa a não compreender a língua falada pelos demais.

“À saída do Beco, o Quim Ambrósio teve um acidente.” (p. 53) O homem era “canalizador, sempre pronto a fazer jeitos e por isso muito benquisto na zona.” (p. 53) Mas “falava pelos cotovelos” (p. 53), e isso incomodava. Bastava que alguém desse “um bom-dia ou uma boa-tarde ao Quim e logo ali o via a conversar, a contar vidas, a dar cotoveladas, a puxar o parceiro pela banda do casaco, a desenhar grandes gestos de mãos espalmadas.” (p. 53) Quando “ia ele a sai do Beco, de mãos no bolso, remoendo ainda alguns casos que se tinha esquecido de pormenorizar ao Zé Metade (...), o acidente ocorreu.” (p. 54): “Sobrecarregada com o peso dos ninhos de andorinha, uma telha deu de si – clac! – e veio por aí abaixo de escantilhão – poclop! – até dar na cabeça do Quim que logo ali ficou estendido.” (p. 54)

Imediatamente, “seguiu-se a algazarra do costume destas ocasiões” (p. 54). Levaram o Quim ao hospital e ele voltou de lá andando, “com a cabeça enfiada num descomunal turbante de compressas.” (p. 54) Mas logo veio a surpresa, ao lhe perguntarem como ia, “ele respondeu (...):– Obi, obi, tagarik boslua. Nememed Kwantalik.” (p. 54) Instalava-se o insólito.

Inveterado falador, Quim procurava explicar tudo o que acontecera, “com grande gesticulação e escorreita fluência de palavrório: – Sogrub mizzarin – tac catapl – misurru topaïk, etc.” (p. 54) Mas ninguém lhe entendia uma só palavra. “Então entraram a fazer experiências: perguntaram-lhe se sentia bem dos rins (sua queixa habitual) e logo o Quim respondeu: – Nhec, nehc solimador carazac – e levou as mãos aos flancos.” (p. 54-55) A toda pergunta que lhe faziam, Quim respondia com gestos indicativos de a haver compreendido e com palavras que ninguém compreendia. Portanto, “não havia dúvidas. Lá perceber o que se dizia, percebia o Quim.” (p. 55)

Os dias se passavam, e Quim desesperava-se, “de grupo em grupo, de portal em portal, a tentar contar a sua vida, naquele idioma arrevesado, a quem não o podia compreender.” (p. 55) Iniciam-se as especulações. “– Então e se a gente descobrisse em que terra é que se fala aquela língua e mandasse para lá o Quim? Fazia-se uma subscrição nos jornais...” (p. 55), sugeriu o Zeca da Carris. “– Nem pensar em tal semelhante! – objectou o Mal-cheiroso Vaz” (p. 55), acompanhado pelo Andrade da Mula, que observou: “– (...) ele fala a língua, mas se calhar não a compreende. Ele entende é tudo o que a gente diz...” (p. 55-56)

O que fazer, então? Zeca da Carris lembrou: “– (...) O Quim está assim por ter levado aquela porrada na cabeça (...) E a porrada foi no lado esquerdo da cabeça (...) Então (...) dá-se-lhe outra porrada do lado direito e ele se calhar fica bom.” (p. 56) Mas todos consideram muito arriscado e perigoso. E “o Andrade veio com uma solução própria, em voz muito pausada. Era fazer cair uma

telha igual, do mesmo sítio, sobre a outra metade da cabeça do Quim.” (p. 56) Mas “a questão era o acerto da pontaria.” (p. 56) Tanto o evento insólito é banalizado quanto a solução que se lhe propõe é por demais banal.

Agora, era pôr em prática a engenhosa solução. “E todos dali foram aliciar o tio Borges, que tinha sido em tempos grande jogador de chinquilha” (p. 56), para arremessar a telha. Buscaram também a colaboração do Zé Metade para manter o Quim parado pelo tempo necessário no lugar do ataque. “Ao outro dia, que era domingo, três vultos esgueiravam-se pelos telhados, por cima do prédio da capelista. O Zé Metade, postado no sítio que lhe havia sido indicado, chamava de lá o Quim.” (p. 57)

Depois de muitas peripécias no telhado, de idas e vindas do Quim por sobre a marca assinalada com uma cruz de giz, onde deveria ficar parado, “o tio Borges, lá de cima, balanceou uma telha nas mãos, fez pontaria com um olho fechado e – Toclop! – veio a telha dar exactamente no lado direito da cabeça do Quim que logo caiu desmaiado.” (p. 57) Enfim, “– Uf! – disse o Zé Metade, limpando o suor do rosto.” (p. 58)

Mais tarde, quando “os habitantes do Beco viram-no aproximar-se, de novo com a cabeça enrodilhada em ligaduras” (p. 58), logo lhe perguntaram: “– ‘Tão Quim, isso vai melhor? Como é que vai essa bizarria, homem?’” (p. 58) E nova surpresa, outra feição do mesmo insólito. “Quim olhou-os com um ar assarapantado e disse: – Não percebo nada do que vocês dizem, caramba. ‘Tão a mangar comigo, ou quê?’” (p. 58) Agora era o Quim que lhes ouvia falar em outra língua estranha. “As pessoas perguntavam: ‘Tão Quim? E ele ouvia Sovonov, Quim?’” (p. 58)

Andrade ainda pensou em dar-lhe uma porrada bem ao meio da cabeça, mas o Zé Metade reprovou e encerrou o caso: “– Cala-te daí! (...) – o melhor é que ninguém saiba do que se passou, cá por coisas.” (p. 58) E “aos poucos, o Quim foi-se acostumando a conhecer a linguagem dos gestos. Quem de nada soubesse tomá-lo-ia por mudo.” (p. 58) Caso encerrado e o evento insólito, em suas duas faces, fica sem explicação, sem solução, acabando definitivamente banalizado.

Em “Chuva ao domicílio” (CARVALHO, 1991, p. 59-62), oitavo caso do Beco, o evento insólito é o surgimento de uma nuvem, “do tamanho duma almofada” (p. 60-61), que, uma noite, se formou no quarto “da Lecas Pasteleira, sirigaita de quinze anos” (p. 60), fazendo-a acordar toda úmida e aos gritos. Quando se tenta “desfazer a nuvem, a poder de pancadas de toalha,” (p. 61), ela se torna mais densa, enegrece e lança faíscas luminosas de relâmpagos. Espantada para fora do quarto com a ajuda de uma manta, a nuvem invade a cada do Alves Madrilador, inundando-a. Na casa, cheia de moradores do Beco que acorreram para ver o que se dava, a nuvem paira sobre a cabeça de uns e outros, encharcando-os, lança trovejos e coriscos para todos os lados. Perseguida, sempre foge. Até que “o Zeca da Carris rugiu um ‘AIIIIIIII’ triunfal e fechou com estrondo a tampa do balde com a nuvem aprisionada.” (p. 62) Sem saber que fim dar à nuvem, “Marta teve uma idéia: – Enterra-se isso e prontos” (p. 62) Virgolino, recuperando o papel desempenhado pela mulher do Zeca da Carris em “O lugar do gelo”, propõe um aproveitamento utilitário do evento insólito: “– (...) enfia-se um cano pelo balde, adapta-se uma torneira e temos água de borla pró ano todo.” (p. 62)

Esta história foi contada pelos moradores do Beco ao fiscal da companhia de águas que tinha ido ao Beco “cirandar em volta do chafariz novo” (p. 59) e que “voltou mais tarde, acompanhado por dois sujeitos que transportavam uma enorme caixa de ferramentas.” (p. 59) Marta Taberneira, ao desconfiar “de que aqueles preparos traziam água no bico” (p. 59), perguntou: “– Mas atão que é que vossemecês querem daqui?” (p. 59) Ora, “queriam pôr tudo em ordem que aquele chafariz era clandestino e não pagava as taxas competentes.” (p. 59) Foi quando “o pessoal desatou todo em grandes risadas” (p. 59), já que eles sabiam que o chafariz fora produto do enterramento do balde em que a nuvem fora aprisionada.

Mas o fiscal da companhia de águas ainda não sabia a “escanifobética” história da nuvem e retorquiu diante das risadas: “– O Chafariz não tá no mapa da Companhia, tão a ouvir? O engenheiro passou por aqui outro dia e participou logo que queira isto fechado.” (p. 60) Diante da atitude de deboche dos do Beco, o fiscal chegou a ameaçar com a polícia: “– Se vossemecês se

põem para aqui a resistir tenho que chamar a força pública.” (p. 60) Mas, antes que qualquer medida fosse tomada, chamar a força pública ou iniciar o desmanche do chafariz, os homens da companhia de águas foram chamados a tomar uma “amarelinha” na taberna da Marta, onde lhes foi contada a história.

A água que vinha do chafariz, proveniente da nuvem, aprisionada no balde, “tinha até melhor sabor do que a da Companhia” (p. 62) Ao final da história, “o fiscal emborcou mais um copo de ‘amarelinha’, pensou um bocado e disse: – Bom, se vocês me garantem que é assim, a Companhia não tem nada com isso...” (p. 62) E foram-se embora, sob a conclusão banalizante do evento insólito: “– Pois claro, aí tem você tudo explicadinho. Tá você a ver que com essa sua precipitação esteve quase a confundir género humano com Manuel Germano?” (p. 62) O insólito é incorporado à experiência quotidiana das personagens do Beco.

Em “O trombone” (CARVALHO, 1991, p. 63-67), nono caso do Beco, o evento insólito é o trombone, comprado por Tó Valente para entreter o tio Bento, sempre que soprado, sugar para dentro de sua boca, fazendo sumir, variadas coisas do Beco.

Veio morar na casa de Tó Valente o tio Bento, que enviuvara. Durante o dia, ficava “à porta sentado, numa cadeira de palhinha, por horas esquecidas. À noite, recolhia a cadeira, tomava lugar entre os seus, e depois da refeição, ala para a cama de onde saía para, ao nascer do Sol, se prantar outra vez à porta.” (p. 63) A tristeza do tio incomodava. Sabia-se “que ao velho faltavam as terras, os animais, o ciclo das estações, os horizontes desimpedidos e temia-se de o ver finar-se, mais cedo que o marcado, se continuasse naquele pasmo.” (p. 63)

Assim, “levaram-no um dia ao Jardim Zoológico, outro dia ao Castelo, para que se distraísse. Mas o velho dizia: – Pois, bichos; pois, pedras velhas – e recaía no seu desconsolo. Até que, “uma noite o Tó teve uma idéia. Lembrou-se de que o velho tocava na banda de música da aldeia e que vendera o saxofone, para pagar o funeral da tia.” (p. 64) Decidiu, então, procurar o Virgolino Alpoim, que era a quem “o pessoal do Beco recorria quando queria coisas” (p. 64), e encomendar-lhe o instrumento.

Virgolino anotava num caderno de capa preta umas garatujas esquisitas e dias mais tarde apresentava, por módico preço, o objecto pretendido, quase sempre em bom estado. Todos preferiam acreditar que o Virgolino tinha contato “com certos meios especiais”, lá para a Baixa, o que até era verdade. (p. 64)

“No domingo próximo estava o Virgolino à porta da casa do Tó com uma grande caixa preta debaixo do braço.” (p. 64) Aberta a caixa, “revelou-se um objecto enorme, torcido e rebrilhante, a sobressair de entre veludilho azul às florinhas.” (p. 64) No lugar de um saxofone, Virgolino houvera trazido um trombone, que “foi o que se pôde arranjar.” (p.65) Tio Bento, “não mostrou excessivo entusiasmo pela oferta, mas aceitou-a com delicadeza.” (p. 65)

O velho sentava-se com o trombone, virava-o e revirava-o, punha-lhe os lábios ao bocal, pediam que ele tocasse, mas sempre adiava: “– Há tempo (...) Atrás de tempo tempo virá...” (p. 65) Mas, “um belo dia, em sons graves, compactos, pausados, desdobrou-se uma bela valsa pelo Beco.” (p. 66) Até que a Micas costureira percebeu “que um vaso de sardinheiras que estava mesmo à beira do tio Bento havia começado a alongar-se, a alongar-se em direcção ao trombone e tinha desaparecido, de súbito, no ar.” (p. 66) Ao vaso, seguiu-se “um caixote de lixo daqueles enormes, altos, da Câmara.” (p. 66) Até que “o Zeca da Carris interveio e tirou com vigor, embora com delicadeza, o trombone das mãos do tio Bento” (p. 66) A essa altura, “a parede da casa do Tó mostrava já uma enorme bolha, do tamanho dum pneu de camião, que se prolongava numa espécie de mamilo a procurar o trombone.” (p. 66-67)

Tomaram o trombone ao tio Bento, que ainda “muito contrariado, indiferente aos estragos, reclamava o trombone, com a birra dos velhos. Choramíngava, gesticulava (...).” (p. 67) E tudo voltou ao normal:

A bolha ficou no sítio, mas já firme, consolidada. O trombone foi remetido para um canto da casa no seu estojo, bem fechado. O tio Bento continuou a sentar-se melancolicamente à porta. E o Virgolino esteve largos dias sem dar parte de si, que quando o Tó se zangava era um bocado escanifóbico.” (p. 67)

A solução dada e a forma como o evento insólito é enfrentado banalizam-no, tirando-lhe força e importância de acontecimento incomum, inabitual, raro, estranho, extraordinário, sobrenatural.

Em “O percurso pra cá” (CARVALHO, 1991, p. 69-74), décimo caso do Beco, o evento insólito é o aparecimento de pessoas, inclusive “um chinês pequenino, de olhos muito enviesados, vestido de *jeans* e *T-shirt* branca” (p. 71), dentro do marco do correio.

Era noite alta, Aníbal, o guarda noturno passava “junto ao marco do correio, no cruzamento do Beco das Sardinheiras com a Rua dos Eléctricos (...), quando deu por um barulho, assim um raspar, que vinha lá de dentro.” (p. 69) Parou para prestar mais atenção, e logo “a restolhada dentro do marco do correio se voltou em pancadas muito nítidas na portinhola – toc, toc, toc (...)” (p. 69) Era em evento inesperado que lhe vinha estragar o sossego, uma vez que já estava “a fazer horas para sua pacata reconciliação com Morfeu”. (p. 69)

As pancadas aumentavam de intensidade e de frequência, e “nisto apareceram o Alves Madrilador, que vinha do turno, e o Virgolino Alpoim, que vinha de cumprir vidas ali ao Intendente, e ficaram-se os dois, muito espantados, a ver o guarda-nocturno abraçado ao marco do correio, com o ouvido colado à portinhola.” (p. 70) Mas o homem rapidamente lhes disse: – Chiu! – (...), calem-se lá que está alguém aqui dentro.” (p. 70) E “os três não precisaram de aplicar muito os ouvidos porque do interior do marco veio um falajar surdo, de mistura com muita farfalhada de papéis mexidos.” (p. 70)

Constatado o evento insólito, “Aníbal queria logo telefonar para a esquadra, mas os outros dissuadiram-no” (p. 70), retomando o desprezo pelas diversas formas de autoridade, como se verifica na maioria dos casos do Beco, e dizem-lhe que “a esquadra serve é para complicar.” (p. 70) Era necessário agir e depois se vêm “as perguntas, as chatices...” (p. 70)

“Virgolino sugeriu uma solução prática. (...) Alves, que também sabia de serralheiro, ia a casa num instante buscar a ferramenta, abria-se o marco e dava-se salvamento a quem se encontrava lá dentro.” (p. 70) Aníbal, porém, reclamando a legalidade, opõe-se, mas os dois lembram que ele é autoridade presente ao evento e que, “se calhar até é o carteiro que está lá dentro fechado. (...) É capaz de ter caído quando ia levantar o correio.” (p. 71)

Alves foi a casa numa carreira e “abriu aquilo num abrir e fechar de olhos. (...) lá de dentro saiu um chinês pequenino (...) a perguntar (...) – Cás do Sodré?” (p. 71) Aníbal, o guarda noturno, queria-lhe levar à esquadra, para que explicasse tudo. No entanto, novamente, Virgolino interveio impedindo-o, e junto com o Alves mostraram-lhe que o chinês não violara nenhuma carta, portanto não cometera crime algum, já que na havia nenhuma “lei que proíba um chinoca de estar dentro do marco do correio”. (p. 72) Indicaram ao chinês o caminho para o Cais do Sodré, “e o chinesito lá se foi, todo lampeiro, pela calçada abaixo.” (p. 72)

Na manhã seguinte, “quando o Guadalberto carteiro foi fazer a tiragem do correio, saíram de dentro do marco três suecos e um holandês (...) O Guadalberto ficou estupefacto (...)” (p. 72). Repetido o evento insólito, “todos examinaram o marco do correio com meticulosidade. (...) Mas nada.” (p. 73) E a conclusão é “escanifobética”: “– São coisas de estrangeiros. São coisas dos sacanas dos estrangeiros...” (p. 73)

No domingo seguinte, “o marco do correio vibrava, ao som das pancadas que de dentro lhe batiam na porta e dos gritos e assobios que alguém lhe dava lá nos interiores.” (p. 73) A malta que estava na taberna da Marta tomando “amarelinha” logo seguiu para junto do marco, “juntou-se gente, em menos de um nada, grande alarido, e num credo lá estava o Alves Madrilador, já prático naquelas coisas (...)” (p. 73) Surpresa maior virá: “quando abrem a porta que é que sai de lá, sorridente e em fato domingueiro? O Zeca da Carris e o Andrade da Lua.” (p. 73) Ao inspecionarem novamente o marco, encontraram “uma abertura estreita, redonda, metálica, bem fechada por todos os lados. Como tinha sido aquilo?” (p. 73)

Depois de muito enrolarem, os dois homens decidem explicar: “tinham pensado que aquilo tinha que ver com o Cais do Sodré e os sítios por onde param os marinheiros estrangeiros. E vai daí, foram os dois dar uma volta pela zona. (...) o Zeca teve um palpite, uma inspiração, e resolveu descer por um buraco que ficava mesmo ao rés do Texas Bar.” (p. 73-74) Passaram por um caminho

tortuoso. Mal iluminado de quase se perder, deparam-se com “ruínas romanas” (p. 74) e com “um navio antigo inteirinho e uma igreja cheia de azulejos” (p. 74) Quando subiram, vieram “dar ao marco do correio.” (p. 74) Estava dada a explicação.

Contudo, “no dia seguinte, muita gente do Beco foi em romaria ao Cais do Sodré, ao Texas Bar, mas ninguém encontrou o buraco, porque a Câmara tinha acabado as obras e calçetado de novo o pavimento.” (p. 74) Fica a pergunta: o buraco havia ou era invencionice do Zeca e do Alves? Há explicação possível e lógica para o evento insólito, ou não? Ainda assim, como em um momento não há e em outro há uma passagem no marco do correio? Perguntas sem resposta.

Em “O padre alentejano” (CARVALHO, 1991, p. 75-81), décimo primeiro e último caso do Beco, o evento insólito são as estranhas e inusitadas invenções de um padre. Uma de suas invencionices que chega a fazer crescerem cornos na cabeça das beatas que consumiam às carradas a água benta pelo padre.

O padre “tinha sublocado o sótão do Chico Estivador e pretendia reabrir a Igreja da Rua dos Eléctricos, mesmo em frente do Beco, que estava há muito fechada.” (p. 75) Discreto, “o padre foi-se tornando familiar” (p. 75), e ninguém reparara nada até que “o amola-tesuras Teodorico (...) deu o alarme depois de se cruzar com o padre a meio da rua (...)– Mal sabem vocês quem é que cá têm.” (p. 76) E como os demais achavam “que o homem até era simpático e bom vizinho” (p. 76), Teodorico resolveu contar-lhes o que sabia sobre umas “complicações que (...) causou no seminário da Guarda” (p. 76):

Uma vez inventou um pó químico, no laboratório, que pôs toda a gente com visões místicas. Eram os padres seminaristas, desaforados, a correr de um lado para o outro a berrar: Olha ali a pomba, olha o carro do Ezequiel, olha a praga das rãs... (...) não tardou que tivesse instalado a camarata uma instalação eléctrica com imensos fios de cobre enleados... e destinada, ao que parece, a “estimular a energia vital”, que acendeu faíscas por cima de todas as camas e pregou tremendíssimo choque a um padre-mestre. Mais tarde inventou um microfone especial que distorceu todos os sons da homilia pascal e fabricou um balão cheio de hidrogénio que incendiou a mata do seminário. (p. 76)

E os ouvintes concluíam que era “certo que o motor eléctrico por ele arranjado para o Zé Metade não deu grande resultado.” (p. 77) A carreta partiu “a uma velocidade danada pelo Beco fora, meio levantado do ar, no meio dum rugido medonho.” (p. 77) Derrubou vasos, entro em casa, atropelou pessoas, saiu à Rua dos Eléctricos obrigando um caminhão a desviar e fazendo-o bater, “até que acabou por encalhar no fundo do Beco, as rodas a girarem e a escavarem chão numa aceleração doida (...)” (p. 77-78)

“Um dia, as seis beatas que freqüentavam regularmente a igreja começaram a queixar-se de dores de cabeça. Em pouco, tinham-se-lhes formado, de um e outro lado da testa, umas excrescências duras e rugosas que com o passar dos dias se desenvolveram em cornos retorcidos (...)” (p. 78) As beatas foram ao hospital, e “o jovem médico que as atendeu recuou uns passos (...) e foi correr a chamar a assistente (...)” (p. 79) Estupefatos: “– São cornos!” (p. 79) E, como “cornos não são doença (...) ala, que temos mais que fazer.” (p. 79) Assim, os médicos banalizam o evento insólito.

Diante dos acontecimentos, os moradores do Beco decidem espionar o padre. Ouviram “gorgolejar de líquidos – dropdrop dropdropdopiplim – e perceberam que o padre vertia o conteúdo de duas provetas dentro de um alguidar com água” (p. 70-80) e rezava trechos em latim que lhes provocavam “um arrepio pela espinha acima.” (p. 80) Entenderam que “às velhas tinham-lhe crescido cornos por causa daquela água benta especial que o padre usava e que elas tomavam às carradas.” (p. 80)

Quando, no dia seguinte, muito cedo, já o padre estava paramentado e fazia os preparativos para o baptizado, (...) entraram pela igreja dentro o presidente da Junta, o Zeca da Carris, mais o Tó Valente” (p. 80), e acabaram impedindo o batismo e expulsando o padre. “Com o passar do tempo, os cornos das beatas foram-se desagregando, desfazendo, até que ficaram de testa normal”. (p. 81) Mas, para onde ia, o padre continuava aprontando com suas invencionices esquisitas.

O evento insólito é banalizado sem questionamentos que dêem conta de sua natureza ou causa, e o retorno da personagem presidente da Junta, figura de autoridade, presente em “O tombo da Lua”, estabelece um ponto de ligação entre o primeiro e o último caso, imprimindo maior força de verossimilhança interna à narrativa e autoriza a banalização do insólito.

A leitura, que aqui se apresentou, das narrativas de *Casos do Beco das Sardinheiras* garanti a este conjunto de texto a condição de paradigma exemplar na proposição do Insólito Banalizado enquanto gênero literário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, Mário de. **Casos do Beco das Sardinheiras**. 6 ed. Lisboa: Caminho, 1991.

CASTRO, Manuel António de. As questões e os conceitos. Rio de Janeiro: **Travessia poética**. Disponível em http://travessiapoetica.blogspot.com/2007_03_01_archive.html. acesso em 10/07/2007.

GARCÍA, Flavio. Impasses de gênero nas literaturas da lusofonia: Casos do beco das sardinheiras, de Mário de Carvalho, um exemplo. **Anais do XX Encontro da ABRAPLIP – No limite dos sentidos**. 2005. Niterói.

HOUAISS, Antônio (editor). **Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.